

O PARADIGMA DA PSICOLOGIA

THE PSYCHOLOGY'S PARADIGM

Gustavo Costa Bahia Rocha¹
Rodolfo Victor Cancio Evangelista²

Resumo:

A psicologia na qualidade de um campo científico apresenta diversas abordagens teóricas que pretendem, considerando as diferentes metodologias, investigar os fenômenos psíquicos. Diferente das ciências naturais que se alicerçam em fundamentos estritamente objetivos, a psicologia resguarda em suas bases epistemológicas uma problemática própria às ciências humanas e sociais, no que se refere ao seu caráter científico. Nesse sentido, em relação às *abordagens* psicológicas, podemos compreender que essas, que representam diferentes perspectivas de conhecimento, não necessariamente correspondem a uma orientação normalizada de ciência. No entanto, isso não quer dizer que essas não possam ser consideradas ciências. Tendo em vista tais problemáticas que emergem através da interrogação sobre o caráter científico, neste artigo adentramos a psicologia enquanto uma área do conhecimento a partir da perspectiva paradigmática de Thomas Kuhn. A análise kuhniana sobre a ciência e suas revoluções apresenta um caminho para o debate sobre o caráter científico da psicologia, pois, nos possibilita questionar esse campo do conhecimento através de suas mudanças e paradigmas.

Palavras-chave: ciência; Kuhn; Ciências Humanas; Epistemologia.

Abstract:

Psychology as a scientific field presents several theoretical approaches, which consider different methodologies to investigate psychic phenomena. Unlike the natural sciences, which are based on strictly objective foundations, psychology holds a problem proper to the human and social sciences concerning its scientific basis in its epistemological bases. Regarding the psychological approaches, we can understand that these, which represent different perspectives of knowledge, do not necessarily correspond to a standard orientation of science. However, this does not mean that they cannot be considered scientific. Given these problems that emerge from questioning the scientific nature, in this article, we will approach psychology as a field of knowledge from Thomas Kuhn's paradigmatic perspective. The Kuhnian analysis of science and its revolutions presents a path for the debate over the scientific nature of psychology since it allows us to question this area of knowledge through its changes and paradigms.

Keywords: science; Kuhn; Social Sciences; Epistemology.

¹ Graduado em Psicologia pela PUC Minas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9515-8323>
E-mail: gustavobahiar@gmail.com

² Mestrando em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - UNICAMP/FCA. Graduado em Psicologia. E-mail: rodolfovc13@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5787-9568>.

Introdução

Quando questionamos sobre o caráter científico da psicologia, algumas problemáticas emergem de imediato. Ao adentrarmos em uma discussão epistemológica sobre uma área do conhecimento, é necessário apontar pelo menos de forma breve, antes mesmo de uma resolução, quais são os fundamentos de nosso questionamento, como também, qual perspectiva filosófico-científica estamos nos apoiando para realizar tal incursão. Deste modo, o conhecimento que busca compreender os fenômenos da psique não está reservado às ciências.

Podemos perceber na Antiguidade que diversas questões que dizem respeito à psicologia na atualidade se apresentavam enquanto pontos centrais dos debates filosóficos, como por exemplo, a ideia de alma. No entanto, quando refletimos sobre a psicologia enquanto uma ciência particular autônoma, podemos compreender que, de uma forma generalista, o caminho da transformação da psicologia em uma ciência revela uma trajetória epistemológica natural.

A constatação da origem da psicologia na qualidade de uma ciência, que se refere a W. Wundt e aos seus desenvolvimentos teóricos no século XIX, bem como, a criação do primeiro laboratório experimental de psicologia, é uma afirmativa habitualmente compartilhada pelos manuais da psicologia. Entretanto, ao adentrarmos a discussão sobre o caráter científico da psicologia, é necessário que nos concentremos brevemente na discussão sobre o caráter científico do conhecimento.

Dito isso, antes mesmo de nos direcionarmos a característica de diversidade epistemológica que marca a psicologia através de diferentes abordagens, nos concentramos na apresentação da análise filosófica que nos possibilita o apoio para a realização desse questionamento. Na obra “Estrutura das revoluções científicas” publicada originalmente no ano de 1962, podemos nos defrontar com uma análise sobre a ciência estabelecida por Thomas Kuhn, que nos permite um alicerce para nossos questionamentos.

A ideia de paradigma que se apresenta como um dos pontos centrais desse livro, nos possibilita uma compreensão da ciência e de seu modo de desenvolvimento para além de uma perspectiva epistemológica sobre o conhecimento. Deste modo, Kuhn nos oferece uma análise sobre a ciência que se desloca de um conhecimento imutável, que se estabelece a partir do alcance de explicações. Através de seu pensamento podemos compreender que a ciência se desvela em uma trama de confrontações e validações de paradigmas.

De modo condensado, podemos dizer que o que se apresenta enquanto um paradigma científico se refere a uma base de fundamentos, métodos e princípios compartilhados por uma comunidade científica. Nesse sentido, o que se desvela explicitamente no pensamento kuhniano, é que a ciência não é um conjunto de regras estáticas, pois se apresenta em um movimento fluido dialético, mediado por relações de confrontos e atravessamentos entre diferentes tradições científicas.

A partir dessa base filosófica como ponto de apoio para nossa indagação, retornamos a psicologia com o intuito de compreender como o paradigma de uma ciência normal influencia essa área do conhecimento. Ao adentrar a psicologia e as problemáticas que emergem de seu caráter científico, somos confrontados com uma condição própria a esse campo teórico que se desvela na diversidade de abordagens. Consideramos em nossa análise algumas abordagens psicológicas como forma de

realização desse questionamento, uma vez que, não é possível apontar uma única psicologia.

Destarte, nossa trajetória que busca investigar a questão do caráter científico da psicologia, encontra no pensamento de Kuhn uma possibilidade de apoio filosófico. Nos deslocamos então para essas questões que se dividem entre a exposição da ideia de paradigma científico e a análise das abordagens psicológicas.

A mudança de paradigma

Ao falar sobre ciência, diferentes representações podem emergir no imaginário comum. A imagem do cientista como aquele sujeito de jaleco branco e óculos de proteção dentro de um laboratório aparece ainda como um simbolismo viável da ciência. No entanto, quando se desloca de uma ideia desprezível sobre a ciência, em razão de um questionamento de bases filosóficas, é necessário compreender de imediato a profundidade dessa questão.

Considerando o pensamento kuhniano como apoio filosófico dessa investigação, a ideia de paradigmas possibilita uma análise das diferentes abordagens psicológicas. Em vista disso, pode-se afirmar que a interpretação dos conceitos, de ciência normal por exemplo, que se correlacionam a ideia de paradigma, é substancial no que tange o cerne do questionamento.

Pensando a reverberação do pensamento de Kuhn nas ciências, é possível perceber que sua amplitude não se limitou às ciências naturais. Em relação a publicação da “Estrutura das revoluções científicas”, conforme Assis (1993, p.133) anuncia, a obra notoriamente apresentava uma análise sobre o modo de desenvolvimento das ciências da natureza, “porém, o alcance do texto foi muito maior. Poucos anos depois de publicado, seus principais termos notadamente paradigma e ciência normal já eram empregados, quase nunca no sentido pretendido pelo autor, em textos sobre artes, psicologia e ciências sociais.”

No que tange a essa obra, antes mesmo de uma exposição sobre a ideia de paradigma, Kuhn (2013) apresenta o que pode ser compreendido enquanto ciência normal. Sendo assim, logo no primeiro capítulo é asseverado que o significado de ciência normal se expressa na investigação fundamentada em desenvolvimentos científicos antecessores, que se apresentam como base para pesquisas, e que são reconhecidos por uma comunidade científica.

Para compreender o que está sendo apontado por Kuhn (2013) enquanto paradigma, a ideia de ciência normal se apresenta fundamental. Ao deslocar o conhecimento de uma forma estática, o pensamento kuhniano revela que o desenvolvimento da ciência emerge de um movimento de disputa entre diferentes perspectivas que almejam alcançar o reconhecimento geral de seu grupo disciplinar. De acordo com Alves e Valente,

Comumente, a luta entre paradigmas, embora possa levar um grande tempo e esforço, tende a chegar a um vencedor. É natural que um paradigma acabe sendo mais aceito pela maioria dos pesquisadores de uma área, constituindo uma comunidade científica. Nesse ponto, a área entra em um novo momento chamado ciência normal (ALVES; VALENTE, 2021, p. 38).

Outro termo que está diretamente ligado à ideia de paradigma se apresenta na ideia de revoluções científicas. Essa temática, que é abordada diretamente no nono capítulo da obra, revela um momento de transição no desenvolvimento

científico. Pode-se compreender que as revoluções científicas se expressam através de uma mudança de concepção de mundo, como também, de paradigmas. Nesse sentido, essas se expressam quando, “guiados por um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em novas direções” (KUHN, 2013, p. 132).

Essa transformação do modo em que o mundo é observado, bem como, a mudança de perspectiva do mesmo problema, correspondem a uma limitação da ciência normal em vigor de não possibilitar mais respostas satisfatórias. Conforme Alves e Valente (2020, p. 187), no momento de transição da pré-ciência para a ciência normal, ou mesmo nas revoluções científicas, podemos perceber que, “um paradigma que não mais apresenta um poder explicativo minimamente aceitável é substituído por outro, com maior poder explicativo e incompatível, em algum aspecto, com o anterior”.

A mudança de paradigmas é um movimento próprio do desenvolvimento científico, que é marcado historicamente por uma disputa epistemológica que, ao encontrar um ponto de apoio comum a uma comunidade científica, posteriormente, se direciona para uma crise de conhecimento. De acordo com Kuhn, “paradigmas não podem, de modo algum, ser corrigidos pela ciência normal. Em lugar disso, como já vimos, a ciência normal leva, ao fim e ao cabo, apenas ao reconhecimento de anomalias e crises” (KHUN, 2013, p. 141).

Em relação às anomalias e as crises, podemos compreender que essas se estabelecem no desenvolvimento da ciência normal e de seus resultados positivos. Pode parecer algo paradoxal, que um progresso científico bem sucedido possa gerar crises do conhecimento. No entanto, Kuhn (2013) nos chama atenção para o fato de que a atividade de solucionar quebra-cabeças, que é marca da ciência normal, ao mesmo tempo que possibilita realizações que consolidam o paradigma estabelecido, abrem caminho para novas descobertas.

Os novos questionamentos que emergem a partir das investigações científicas norteadas por um paradigma, expressam justamente as anomalias que desordenam o desenvolvimento da ciência normal. No entanto, ao ser percebido pontos de desacordo com o paradigma, se faz presente uma tentativa de readequação. De acordo com Bartelmebs, “quando uma anomalia perturba o andamento da pesquisa na ciência normal, surgem novos e reforçados movimentos de adequação dos dados às teorias existentes” (BARTELMEBS, 2012, p. 355).

A partir dessa breve exposição dos conceitos de Kuhn (2013) que estão diretamente relacionados ao seu pensamento paradigmático, é viável compreender que o conhecimento, assim como a ciência, se desvela em uma dinâmica correlativa entre a estabilização de um paradigma e a crise desse conhecimento. Nesse sentido, ao abordar a ideia kuhniana de paradigma, é necessário considerar a importância desse conceito, uma vez que, os termos anteriormente expostos estão articulados a esse conceito central. Segundo Amorim e Silva Neto,

Para Kuhn, o conhecimento científico é definido basicamente pela adoção de um paradigma, e um paradigma nada mais é do que uma estrutura mental composta por teorias, experiências, métodos e instrumentos que serve para o pensamento organizar, de determinado modo, a realidade e os seus eventos (AMORIM; SILVA NETO, 2011, p. 347).

A tendência do conhecimento em se concentrar em uma única orientação epistemológica apresenta as articulações necessárias ao conhecimento científico.

Através do pensamento kuhniano, se torna nítido que os paradigmas do conhecimento científico apresentam estágios de desenvolvimento. Em vista disso, o conhecimento se apresenta alicerçado em um desenvolvimento histórico, que não se limita a uma linearidade de fatos, como também, não reduz a ciência a um único sistema epistemológico.

A disputa pela consolidação de um paradigma que é base para o desenvolvimento do conhecimento, evidencia uma disputa entre diferentes grupos. Pode ser notada então, uma base dialética no desenvolvimento científico, no sentido de uma disputa entre grupos, mediada metodologicamente por argumentações e demonstrações. Deste modo, o desenvolvimento científico não está reservado aos sucessos individuais, uma vez que, a aprovação coletiva de um grupo em relação a um paradigma não é possibilitada individualmente. Conforme Alves e Valente, “um paradigma se fortalece quando possui a capacidade de reunir em torno de si um grupo consistente e duradouro de partidários, afastando-os de outros paradigmas rivais” (ALVES; VALENTE, 2020, p. 29).

A perspectiva paradigmática do pensamento de Kuhn sobre as ciências, anuncia um modo de análise que rejeita uma teorização epistemológica do conhecimento. A partir da ideia de paradigma, fica em evidência que a ciência é constituída por uma competição entre teorias que visam estabelecer seus próprios fundamentos como orientação geral. Sendo assim, a relação entre paradigma e desenvolvimento científico representa em sua essência um movimento contínuo, de consolidação e de disputa.

Quando retomada a questão principal dessa investigação, que se refere ao caráter científico da psicologia, é possível apontar a compreensão kuhniana como uma possibilidade de interpretação de ciência. De acordo com Bartelmebs, a análise kuhniana das ciências nos revela que, “ao contrário do que sempre vimos nos manuais científicos, a ciência não é o acúmulo gradual de conhecimentos, mas é a complexa relação entre teorias, dados e paradigmas. Tampouco a Ciência é neutra” (BARTELMEBS, 2012, p. 352).

Por mais que as exposições de Kuhn (2013) revelem circunstâncias próprias às ciências naturais, na medida em que exemplos históricos sobre o desenvolvimento científico da química e da física são utilizados como fundamentação de suas ideias, a influência de seu pensamento alcança também as ciências humanas e sociais.

A relação entre Kuhn e as ciências sociais, que é destacada por Assis (1993), pode ser pensada através do deslocamento da ciência possibilitada pelo pensamento kuhniano, de um conhecimento universal e a-histórico. Nesse sentido, analisar não somente as ciências naturais a partir dessa perspectiva é factível, pois, as ciências humanas assim como as sociais, também apresentam disputas entre diferentes grupos pela hegemonia de uma determinada orientação teórica.

A história da psicologia

Entre as primeiras reflexões contempladas na história da humanidade, temas como comportamento e natureza humana já se apresentavam como indagações constantes, assim como já surgiam as primeiras hipóteses sobre memória, aprendizagem e condutas sociais ordinárias e anômalas (Cf. SCHULTZ; SCHULTZ, 2014). Por muito tempo, essas reflexões se apresentavam em áreas diversas, como filosofia e teologia, no entanto, atualmente é possível empregar a psicologia como

principal responsável por estudos científicos acerca dessas questões de comportamento e natureza humana.

Assim como qualquer área científica independente, a psicologia origina-se da filosofia, desprendendo-se a partir do momento que passou a utilizar de um método de pesquisa que não se limitava a razão, mas incumbia-se da experimentação e observação (Cf. BAUM, 2019). Essa ruptura acontece no século XIX, quando a psicologia se aproxima dos métodos das ciências naturais para o estudo da consciência (Cf. SCHULTZ; SCHULTZ, 2014), que até então poderia ser delimitada como o mais próximo de um objeto de estudo consensual da psicologia. Então, por mais que ainda responda questões parecidas, a diferença fundamental da psicologia contemporânea com os questionamentos da humanidade pré-histórica é o método empregado para a obtenção de conhecimento.

Atualmente, a questão do objeto de estudo da psicologia é mais controversa, sendo muito difícil chegar a alguma unanimidade clara a seu respeito. É visto ocasionalmente o “indivíduo” como sendo o objeto de estudo, porém, além de ser um termo pouco exato, não diferencia de outras ciências humanas, como a antropologia (Cf. BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001). A instabilidade da psicologia em conseguir seguir uma única linha de pesquisa, se dá por sua moderna aparição (Cf. BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001; SCHULTZ; SCHULTZ, 2014), em que mesmo no seu início havia desentendimentos.

Autores como Wilhelm Wundt (1832 – 1920) e William James (1842 – 1910) aparecem como sendo precursores da ideia de psicologia como ciência, sendo considerados muitas vezes como os pioneiros da psicologia científica (sendo Wundt o com maior reconhecimento). No entanto, James e Wundt designam concepções diferentes para a epistemologia da psicologia, deste modo bipartindo os caminhos teóricos desta ciência (Cf. ABIB, 2009; SCHULTZ; SCHULTZ, 2014). Para Wundt, a psicologia científica é empírica, então deve trabalhar na interpretação da experiência psíquica por meio da própria experiência psíquica (Cf. ABIB, 2009). Enquanto para James, a psicologia deveria se aproximar da metodologia das ciências naturais, focando na observação, previsão e controle da ação humana (Cf. ABIB, 2009).

A psicologia surge diante do debate dos estruturalistas, Wundt como principal contribuinte³, e do funcionalismo, que se derivaria ao pragmatismo encabeçado por James (Cf. SCHULTZ; SCHULTZ, 2014). O estruturalismo aparece antes e assevera que é a partir de uma percepção estrutural que se deve compreender o mundo, ou seja, entender seus componentes enquanto os elementos que o compõem (Cf. STERNBERG, 2010). Enquanto o funcionalismo, que surgiu como uma alternativa ao estruturalismo, focava nos processos de como e por que os humanos funcionam como funcionam, ao invés de investigar as partes que o constituem (Cf. STERNBERG, 2010).

Embora ambos autores e escolas de pensamento não sejam mais protagonistas entre as possibilidades do fazer psicológico, a herança histórica ainda é perceptível em algumas das atuais correntes de pensamento. Isto posto, a psicologia atual não é unânime, seja por sua definição de ciência, sujeito, influências históricas ou até em sua prática, existindo várias formas de se pensar e de fazê-la.

³ O estruturalismo citado possui semelhanças com o associado a autores como Saussure e Lévi-Strauss, mas não segue estritamente as mesmas bases teóricas.

Assim, cada bifurcação existente na psicologia elabora um raciocínio para sustentar suas hipóteses e teorias, e partem de modelos epistemológicos diferentes, de forma que muitos dos conhecimentos enquadrados dentro da cúpula da psicologia são discrepantes e incompatíveis (Cf. CHIESA, 2006; VIEGA; VANDENBERGHE, 2001). Então, talvez a única concórdia existente diante dessa disparidade de noções encontre-se no compromisso do estudo científico como um princípio unificador das vertentes de pesquisa em psicologia (Cf. CHIESA, 2006).

A análise histórica de como cada abordagem emerge é uma boa forma de entender as tomadas de decisões metodológicas e epistemológicas tidas por cada enfoque, assim como permite compreender de maneira mais adequada os seus desentendimentos teóricos (Cf. VIEGA; VANDENBERGHE, 2001; KUHN, 2015).

Por isso, a seguir serão pontuados alguns dos problemas encontrados em uma definição absoluta de ciência para a psicologia e, em sequência, serão brevemente traçados os históricos de como três das principais abordagens se construíram enquanto área de conhecimento em psicologia. Foram selecionadas a psicanálise, análise do comportamento e a psicologia cognitiva, pois, a primeira é considerada a mais famosa das abordagens, e as outras duas são reconhecidas pelo rigor em disporem-se como áreas científicas da psicologia.

Problemáticas para a psicologia enquanto ciência

O fato de a psicologia ser ramificada, já é um indicativo da dificuldade de se fazer ciência na área. É importante constatar que as divisões existem também por considerarem suas concepções de objeto de estudo e de método como mais apropriadas, sobrepujando um aspecto unicamente histórico, por exemplo (Cf. CHIESA, 2006).

A metodologia para a produção de ciência em psicologia já apresenta fatores que são empecilhos para uma determinação absoluta de como os estudos devem prosseguir. Castañon (2010), por exemplo, cita os problemas de quantificação de alguns fenômenos, a impossibilidade de observação direta de eventos (como o pensamento) e a quantidade imensa de variáveis envolvendo situações frequentes no fazer psicológico. Por isso, escolas como a psicologia objetiva⁴, e até uma perspectiva restrita à fisiologia, como a de Pavlov (Cf. SKINNER, 2003), são obsoletas em uma perspectiva contemporânea de psicologia.

Outras dificuldades apontadas por Castañon em uma concepção epistemológica para formulação de uma psicologia científica remetem a aspectos da ontologia de sua natureza, no qual ele seleciona oito (baseado em aspectos denotados por Kant⁵ [1724 – 1804]):

(...) são os problemas da natureza inquantificável de seu objeto, da simultaneidade da condição de sujeito e objeto, da indivisibilidade do fenômeno psíquico, da inexistência de objeto próprio na disciplina, da alteração do ser humano pela interação, do significado como verdadeiro objeto psicológico, da relativa autonomia do ser humano em relação aos condicionantes ambientais e genéticos e o da necessidade de adoção de um método distinto do das ciências naturais (CASTAÑON, 2010, p.22).

⁴ Ler Baum (2019), primeiro capítulo, trecho “Psicologia Objetiva” p. 23-25.

⁵ Nota-se que a utilização de Kant não é arbitrária, em vista de Kuhn reconhecer que há aproximação de seu trabalho com o autor (Cf. FULGENCIO, 2007)

Deste modo, a psicologia se depara com questões que compelem a sua existência como ciência. Isto é, se é possível encontrar uma metodologia para os estudos referentes a psicologia que é capaz de validar seus conhecimentos diante do rigor científico e se essa mesma metodologia é eficaz para responder as perguntas presentes no campo psicológico. Outra questão importante que surge com isso provém do questionamento da possibilidade de unificar a psicologia como uma ciência, ou se sempre existirão as suas bifurcações epistemológicas.

Algumas das áreas da psicologia não se limitam mais a esses pontos levantados por Kant, seja porque sobrepujaram as problemáticas levantadas ou porque conseguiram invalidar, de acordo com sua própria teoria, o pressuposto que abarca a dificuldade proposta. Ainda que não consigam o consenso da comunidade científica a respeito da validade de seus conhecimentos e de suas bases epistemológicas.

Desta forma, há uma vertente de psicólogos que defendem essa pluralidade na psicologia, alegando que, se individualmente as abordagens são capazes de elaborar um raciocínio metódico e que produzam respostas estruturadas às demandas da área, não há por que unificá-la. Tratando, inclusive, como benéfica essa divergência para a produção de conhecimento na psicologia, porque enfatiza sua subjetividade e seu alicerce entendido como pertencente às ciências humanas (Cf. SILVA, 2008). Embora não seja um movimento unificado ou alusivo a alguma abordagem específica, é importante salientar que é uma alternativa à falta de consenso na comunidade psicológica. Além disso, em um ponto de vista kuhniano, seria classificar a psicologia enquanto em um estágio pré-paradigmático, o que é coerente em vista da falta de uma “psicologia normal” na comunidade, assim como ser difícil de defender que já houve alguma revolução no campo.

Breve histórico de cada abordagem

Psicanálise

Ainda que tenha surgido em um período histórico semelhante a outras abordagens da psicologia, a psicanálise talvez seja a que menos se comunica com o restante (Cf. SCHULTZ; SCHULTZ, 2014). “Interpretação dos sonhos”, de 1900, pode ser considerada a primeira produção propriamente psicanalítica (Cf. PRUDENTE; RIBEIRO, 2005). Sigmund Freud (1856 – 1939), criador da obra, é considerado o pai da psicanálise e talvez seja o autor, relacionado a psicologia, mais conhecido ao redor do mundo (Cf. SCHULTZ; SCHULTZ, 2014).

Embora a psicanálise tenha a sua origem apenas em 1900, Freud já iniciara seus estudos bem antes, principalmente no que diz respeito a histeria, juntamente com o neurologista Jean-Martin Charcot (Cf. NISHIKAWA; FIORE; HARDT, 2017). Ao perceber que a medicina não conseguia explicar os sintomas da doença de maneira biológica, Freud recorre a uma ideia de conceito que teve como inspiração Gottfried Wilhelm Leibnitz, Johann Friedrich Herbart e Gustav Fechner (Cf. SCHULTZ; SCHULTZ, 2014), assumindo uma natureza inconsciente para a explicação.

Admitindo, então, o inconsciente como o objeto de estudo da psicanálise (Cf. PRUDENTE; RIBEIRO, 2005), Freud busca um método adequado para abordar esse objeto. A hipnose e o método catártico se destacam à princípio, a primeira por influência direta de Charcot (Cf. PAIM; IBERTIS, 2006) e a segunda de Josef Breuer (1842 - 1925) (Cf. SCHULTZ; SCHULTZ, 2014). A sugestão hipnótica mostrou-se ser

eficaz aos pacientes com histeria, sendo capaz de aliviar sintomas e até alterar a forma de falar, permitindo uma reflexão sobre a condição (Cf. PAIM; IBERTIS, 2006). Enquanto o método catártico, embora também utilizasse da hipnose, tinha a finalidade de propiciar aos pacientes a capacidade de recordar o primeiro momento que teve histeria, ao invés de sugerir algo, focando na manifestação primordial dos sintomas.

Nesse sentido, o uso da hipnose era muito útil para acessar o aparelho psíquico do inconsciente, assim como no alívio dos sintomas. Porém, os pacientes não se lembravam das intervenções feitas, o que seria problemático para lidar com a causa primária da demanda em questão. Além disso, Freud percebe a importância de um processo de elaboração pessoal do paciente, e chega à conclusão de um método terapêutico focado na escuta, para que seja possível a compreensão e enfrentamento da demanda específica (Cf. PAIM; IBERTIS, 2006).

Tendo em vista o foco no inconsciente, em contrapartida da consciência, a psicanálise sempre se dispôs em uma vertente ramificada das outras da psicologia, principalmente ao considerar que constrói conhecimentos a partir da experiência clínica em detrimento de um rigor de experimentos de laboratório (Cf. SCHULTZ; SCHULTZ, 2014). Porém, mesmo com esse foco na prática, Freud sempre teve como objetivo a construção de uma área científica, alegando, inclusive, ser uma ciência natural (Cf. MEZAN, 2007; PRUDENTE; RIBEIRO, 2005).

Análise do Comportamento

A análise do comportamento é uma das mais influentes abordagens da psicologia, tendo como filosofia alicerce para a ciência do comportamento o Behaviorismo Radical (Cf. CHIESA, 2006; SKINNER, 2006). Burrhus Frederick Skinner (1904 – 1990) é tido como seu criador e principal nome, e frequentemente em seus trabalhos cita a importância de aproximar a psicologia do método científico.

Devido a importância que a análise do comportamento dá ao aspecto experimental para a obtenção de conhecimento, Edward Lee Thorndike (1874 – 1949) pode ser considerado como uma inspiração inicial. Seus estudos com enfoque na aprendizagem e mente em animais não humanos foram de grande valia metodológica para o método experimental posteriormente enaltecido por Skinner (Cf. ZILIO; CARRARA, 2016).

Outro autor que teve seus trabalhos aproveitados para a ciência do comportamento é Ivan Petrovich Pavlov (1849 – 1936). Pavlov foi nomeado como ganhador do prêmio Nobel com seus experimentos relacionados à ideia de comportamentos reflexos, conceito adotado pelo behaviorismo radical e fundamental em sua teoria. Outro aspecto importante é a forma como Pavlov lidava com seus experimentos, por um lado no que se refere à baixa amostragem, focando em analisar de forma particular as excepcionalidades encontradas (Cf. ZILIO; CARRARA, 2016); por outro, Skinner valorizava as descobertas ligadas ao acaso em um experimento, denominado como “serendipity” (Cf. CHIESA, 2006).

Por fim, John Broadus Watson (1878 – 1958) com seu “behaviorismo metodológico” (atualmente é adotado o termo ‘metodológico’, mas Watson se nomeou apenas como ‘behaviorista’). Watson propõe a ideia de que a psicologia deveria ser uma ciência cujo objeto de estudo é o comportamento, ao invés de “consciência”, inclusive excluindo termos como “mente” e “consciência” de seus estudos. Uma diferença importante, no entanto, é que o behaviorismo radical

considera os “aspectos mentais” como comportamentos, e devem ser excluídos porque não são de natureza diferente de qualquer outro comportamento, enquanto o metodológico assegura que há uma diferença de natureza, mas que deveriam ser excluídos por falta de recurso para explorar esse tema (Cf. SKINNER, 2006).

No que se refere a um aspecto filosófico, a principal corrente de inspiração para o behaviorismo radical é o *pragmatismo*. Para Skinner, o cerne do estudo científico consiste em responder perguntas que possuem um sentido prático no mundo (Cf. BAUM, 2019). Há uma clara influência de James nesse posicionamento epistemológico da análise do comportamento. No entanto, para Skinner, conhecimento é aquilo que permite uma melhor previsão e controle da relação do indivíduo com o ambiente, afastando-se, então, do *pragmatismo* (Cf. TOURINHO, 1996).

Desta forma, é possível designar como características principais na produção de conhecimento no behaviorismo radical: a) a experimentação, pois possibilita a investigação a despeito da continuidade da ocorrência de eventos, assim como permite uma relação quantitativa das variáveis do estudo (Cf. CHIESA, 2006); b) o método indutivo, assim permitindo a inferência de resultados obtidos em experimentos para uma lei geral do comportamento (Cf. CHIESA, 2006; SKINNER, 2003) e c) o comportamento do cientista, que é o reconhecimento de que há um cientista por trás do experimento, e que este é levado por sua experiência de vida a estar adaptável a quaisquer circunstâncias e descobertas imprevisíveis que o experimento pode oferecer (Cf. CHIESA, 2006).

Psicologia Cognitiva

É possível apontar para o cognitivismo duas influências fundamentais na própria psicologia, o movimento behaviorista supracitado e a psicologia da gestalt. Se o primeiro foca na resolução de problemas por meio da observação do comportamento e sua relação com o meio, o segundo vai atrás do evento mental não observável, considerando a sua experiência e o seu “todo” - não o isolando. E é através dessa síntese que surge a percepção cognitivista (Cf. STERNBERG, 2010).

Outra aproximação existente é a computação e suas tecnologias. Dado os avanços da década de 1950 e a criação da inteligência artificial, parte da teoria cognitivista surge na comparação e analogia do aprendizado da máquina com o humano; assim como a compreensão da mente e da cognição enquanto diretamente associada a módulos computacionais (Cf. BARBOSA; TERROSO; ARGIMON, 2014; NEUFELD; BRUST; STEIN, 2011; STERNBERG, 2010).

No campo prático, é possível apontar as influências de Aaron Temkin Beck (1921 – 2021) como precursoras da terapia cognitiva, tendo sido inicialmente criada em formato de psicoterapia breve e direcionada a pacientes com depressão (Cf. BARBOSA; TERROSO; ARGIMON, 2014). A metodologia consistia na intervenção em pensamentos distorcidos e propunha que uma visão mais realista acarretaria humor e comportamentos mais adequados. Essa é considerada a primeira onda da terapia cognitiva (Cf. BARBOSA; TERROSO; ARGIMON, 2014).

É possível apontar os trabalhos do filósofo Karl Raimund Popper (1902 – 1994) como peremptórios para a segunda onda da terapia cognitiva. O conceito de falseabilidade do filósofo rompe com a visão de que a área deveria estar em busca de leis ou de um conhecimento objetivo, mas que os conhecimentos deveriam constantemente estarem postos à prova e experimentação e, enquanto não fossem

refutados, mais se fortaleceriam na área (Cf. BARBOSA; TERROSO; ARGIMON, 2014; NEUFELD; BRUST; STEIN, 2011).

Atualmente em sua terceira onda, e com nome de “terapia cognitivo-comportamental”, existem diferentes modelos possíveis de intervenção (como por exemplo: terapia comportamental dialética, terapia de aceitação e compromisso e outras) (Cf. BARBOSA; TERROSO; ARGIMON, 2014). Há uma nova aproximação com conceitos do behaviorismo radical, mesmo com desavenças teóricas notáveis

É possível caracterizar a psicologia cognitiva como o estudo de como as pessoas percebem, aprendem, recordam, lembram e pensam sobre a informação (Cf. STERNBERG, 2010) e utiliza da “observação sistemática (...) e o controle e manipulação de variáveis com intuito de estabelecer relações de causa e efeito” como método (Cf. NEUFELD; BRUST; STEIN, 2011, p. 104).

Discussão

Considerando a busca da psicologia por se estabelecer enquanto ciência, houvera, em sua história, diversos embates teóricos incitados por abordagens e autores aspirando a sua consolidação no campo. Dessa forma, no ramo psicológico, é comum de se ver críticas (tanto em fórmula acadêmica quanto mais enviesada e de senso comum) de uma abordagem a outra ou mesmo estudos comparativos com propósito de decretar a superioridade teórico e prática de um fazer psicológico em detrimento de todo o resto.

Diante disso, é arriscado tomar o conceito de ciência normal ou de paradigma em algum período histórico da psicologia. Isso posto, é possível elencar alguma época de maior predominância de alguma área, mas nunca de forma consensual na comunidade científica, assim como comenta Carvalho:

Quando se trata da psicologia, nenhuma mulher ou homem de ciência poderia defender o behaviorismo, a psicologia fenomenológica ou a psicanálise como melhor que as demais, se não os próprios behavioristas, fenomenólogos e psicanalistas. A concepção de paradigma que se depreende dos escritos de Kuhn é, em sua natureza, de caráter consensual, e em não havendo relativo consenso, falar em paradigma é artificial às formulações kuhnianas (CARVALHO, 2012, p.26).

No que se refere ao aspecto das revoluções científicas necessárias para a mudança de paradigma, Neufeld, Brust e Stein (2011) sugerem que a “revolução cognitiva” se encaixa nesse entendimento kuhniano. Os autores alegam que a “ciência normal” era o behaviorismo, e houve uma mudança de paradigma ao aproximar o pensamento de um cálculo de computador, ao invés da noção comportamental de Skinner. Assim, a primeira onda da cognitiva seria revolucionária para a psicologia, e as outras duas complementares (Cf. BARBOSA; TERROSO; ARGIMON, 2014).

Carvalho (2012), no entanto, argumenta que para que possa ser possível a conciliação com o conceito de Kuhn, seria preciso que houvesse inexoravelmente a unanimidade da comunidade científica, e por isso não é possível fazer essa correlação. Outro aspecto que distancia a correlação da psicologia cognitiva com a ideia de revolução científica, remete à sua aproximação das bases epistemológicas do behaviorismo metodológico (Cf. NEUFELD; BRUST; STEIN, 2011). Nesse sentido, o behaviorismo metodológico considera que existem aparatos mentais (não

comportamentais), destoando da perspectiva do behaviorismo radical, mas tendo sido resgatada posteriormente pela noção cognitiva. Assim, impedindo que seja integralmente revolucionária.

Quanto ao behaviorismo radical, sabe-se em sua história que não é revolucionário no sentido que Kuhn propõe, pois são claras as referências e inspirações que o antecedem (algumas das mais importantes já tendo sido citadas nesse texto), mesmo que diversas e que tenham sido comprimidas em uma abordagem ímpar (Cf. TOURINHO, 1996). Então, mesmo que seja uma abordagem única em sua proposta, e que tenha sido inovadora na forma de se pensar e fazer psicologia, a análise do comportamento não pode ser considerada como revolucionária levando em conta o termo kuhniano.

No entanto, assim como Kuhn, Skinner associa à comunidade científica uma boa parcela de responsabilidade em designar o que é ou não conhecimento científico. Isso porque, no behaviorismo radical, o conhecimento científico é constituído de forma interacionista da comunidade científica e o ambiente, em que o método e o próprio “conhecimento” são designados a partir da eficácia que esse torna a interação do indivíduo com o mundo (Cf. SKINNER, 1978). Assim, é possível notar o aspecto de validação do conhecimento por meio da comunidade científica.

Todavia, a aproximação não parece se aprofundar mais do que isso, pois Skinner atribui uma função peremptória à linguagem (“comportamento verbal”, em linguagem behaviorista), como descrito por Viega e Vanderberghe: “conhecimento científico (...) é sempre uma construção verbal e não tem outras garantias além das contingências que regem o comportamento verbal do cientista” (VIEGA; VANDERBERGUE, 2001, p. 15). Enquanto Kuhn chega a suas conclusões a partir de uma análise histórica da comunidade científica (Cf. KUHN, 2013). Além disso, há a lógica indutivista guiando o método de obtenção na análise do comportamento, ao qual não é defendido por Kuhn (Cf. MENDONÇA, 2012).

Desta forma, a análise do comportamento considera o comportamento verbal como o ‘recurso’ que afirma os conhecimentos existentes na comunidade científica, e que a partir da eficácia de interação é possível se determinar o que é um “melhor conhecimento”. Enquanto o Kuhn afirma que não há uma evolução propriamente dita do conhecimento, apenas revoluções que passam a responder questionamentos inseridos em um contexto histórico, mas que servirão por tempo determinado até uma nova revolução (Cf. FULGENCIO, 2007).

No que se refere à psicanálise, o debate sobre sua cientificidade é melindroso. Vem sendo apontada de forma assídua por seus críticos como uma teoria não científica e não eficaz em sua proposta (Cf. MEZAN, 2007) ainda mais quando se considera que Freud declara a sua proposta como uma “ciência da natureza”, ao mesmo tempo que recusa as formalidades da metodologia e da proposta científica vigente de quando introduziu seus estudos (Cf. MEZAN, 2007; PRUDENTE; RIBEIRO, 2005). Os psicanalistas, claro, rejeitam essas críticas e defendem sua área do conhecimento como válida e científica.

Jacques Lacan (1901 – 1981), por exemplo, cita o aspecto inaugural que Freud traz consigo (Cf. PRUDENTE; RIBEIRO, 2005), afirmando que a psicanálise é uma “epidemia”, no sentido de sua alta propagação e que rompe com ideias normais no conhecimento. Porém, nunca conseguiu atingir o título de unânime dentro dos estudos referentes a psicologia (Cf. MEZAN, 2007), não sendo possível aproximá-la da ideia de ciência normal de Kuhn.

Além disso, Kuhn, comenta sobre o episódio que entrou em contato com a clínica psicanalítica, se mostrando crítico ao método (mesma que tenha alguma condolência com a dificuldade da proposta).

Fiz análise naqueles anos em Harvard com um sujeito que, em retrospecto, odeio, porque acho que se comportou de maneira extremamente irresponsável comigo. Ele costumava pegar no sono e, quando eu o surpreendia roncando, ele agia como se eu não tivesse nenhum motivo para estar furioso ou perturbado com isso. Por outro lado, eu tinha lido anteriormente a *Psicopatologia da vida cotidiana* de Freud. Nem por um momento gosto das categorias teóricas que ele apresenta, nem sinto que, para mim, ao menos, elas tenham alguma importância. Mas a *técnica* de compreender as pessoas e capacitá-las a se compreender melhor – não estou certo de que produza algum tipo de terapia – é, com certeza, para lá de interessante. Eu mesmo acho que teria muita dificuldade em documentar isso, mas acho que muito do que comecei a fazer como historiador, ou o nível de minha capacidade para fazê-lo – “entrar na cabeça das pessoas” é uma expressão que eu usei vez ou outra –, veio de minha experiência com a psicanálise. Assim, nesse sentido, acho que devo muitíssimo a ela. Lastimo que esteja ganhando a péssima reputação que está adquirindo atualmente, embora pense que ela muito a mereceu; mas acho que o que acaba sendo esquecido é que há um ofício, um aspecto prático nela, para o qual não conheço nenhuma outra rota, e que tem uma enorme relevância intelectual (KHUN *apud* FULGENCIO, 2007, p. 104)

Mas mesmo assim, Fulgencio salienta que é possível usufruir do conceito de paradigma para analisar as bases epistemológicas da psicanálise. Assim, assume uma postura específica à psicanálise (ao invés de analisar a psicologia como um todo) e procura analisar se é possível identificar uma alternância de paradigmas em sua história. Principalmente em relação a autores que são considerados psicanalistas de forma incontestável, como Melanie Klein, Jacques Lacan e Donald Winnicott, mas que produziram obras que não se limitam apenas à concepção freudiana, trazendo conteúdos novos e conceitos autorais.

No entanto, a epistemologia kuhniana incita a necessidade do aspecto revolucionário para a transição de paradigmas, assim como a imprescindibilidade de ser consensual diante da comunidade científica. E não é possível encontrar nenhum desses princípios na discussão epistemológica da psicanálise, sendo possível assegurar que as semelhanças entre os dois constructos teóricos são limitadas.

Assim, o debate epistemológico em psicologia se mostra fragmentado, e a busca por uma “psicologia normal”, em referência ao conceito kuhniano, parece ainda muito distante. Por isso, é possível determinar que a psicologia se encontra em um estágio pré-paradigmático (Cf. CARONE, 2012). Desta forma, as características comuns a esse estágio são facilmente identificadas, havendo questões não respondidas pelas abordagens, por exemplo a respeito de como definir as doenças comuns à psicologia, assim como a falta de hegemonia de uma abordagem sobre, seja de forma social na prática psicológica ou de forma acadêmica, havendo a produção constante de artigos e livros científicos de diversas abordagens.

No entanto, cabe-se ressaltar que nunca foi defendido por Kuhn que os conhecimentos devem ser validados apenas se estiverem na fase paradigmática, apenas foi percebida uma tendência histórica da ciência se comportar dessa maneira (Cf. KUHN, 2013). Desta forma, a psicologia existir de forma múltipla não é problemática ou contraditória, e caso, porventura, se unifique de alguma forma, não

implica que atingiu algum tipo de perfeição, apenas indica o estágio em que se encontra dentro das predições históricas entendidas por Kuhn (Cf. SOUZA; MELO, 2018).

Considerações finais

Através do pensamento kuhniano podemos refletir sobre as ciências por uma perspectiva que desloca o conhecimento de uma posição imutável. A questão histórica que aparece nas análises kuhniana sobre a mudança de paradigmas na ciência naturais através das apresentações do confronto de teorias no campo da física e da química, anuncia que o conhecimento não está sedimentado sobre a explicação dos fenômenos da natureza. Esse desvio do conhecimento enquanto uma ordem universal explicativa que pode apreendida de forma neutra, nos possibilita questionar o desenvolvimento científico a partir de seus acontecimentos históricos, cuja presença é revelada na própria experiência humana.

Ao interrogarmos o caráter científico de uma determinada disciplina ou área do conhecimento, é fundamental que possamos compreender que, mesmo as ciências naturais que se baseiam epistemologicamente nos fenômenos objetivos, que podem ser mensurados, verificados e demonstrados, se desenvolvem visceralmente sobre o confronto de paradigmas. Nesse sentido, ao questionarmos a ciências humanas e sociais podemos nos atentar para essas disputas entre teorias e vertentes, que são marcantes também nessas áreas.

Desta forma, encontramos nos estudos de Kuhn, não uma solução ou uma contraposição direta ao modo de como a psicologia se posiciona epistemologicamente, mas uma ampliação de sua profundidade. Isto é, as diferentes abordagens não necessariamente caminham para uma união ou para a extinção devido à alguma revolução no campo, mas anseiam em suas teorias uma produção constante de conhecimento para que as questões existentes na psicologia sejam respondidas.

Referências

ABIB, José Antônio Damásio. Epistemologia pluralizada e história da psicologia. *Scientiæ Studia*, São Paulo, v. 2, n. 7, p. 195-208, 2009.

ALVES, M. A.; VALENTE, A. R. A estrutura das revoluções científicas de Kuhn: uma breve exposição. *Griot: Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 173-192, 2020.

ALVES, M. A.; VALENTE, A. R. *O estatuto científico da ciência cognitiva em sua fase inicial: uma análise a partir da Estrutura das revoluções científicas de Thomas Kuhn* [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.

AMORIM, Sertório de; SILVA NETO. O que é um paradigma? *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 45, n. 2, p. 345-354, out. 2011.

ASSIS, J. de P. Kuhn e as ciências sociais. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 7, n. 19, p. 133-164, 1993.

- BARTELMEBS, Roberta Chiesa. Resenhando *As Estruturas das Revoluções Científicas* de Thomas Kuhn. *Ensaio: pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 351-358, set./dez., 2012.
- BARBOSA, Arianne de Sá; TERROSO, Lauren Bulcão; ARGIMON, Irani Iracema de Lima. Epistemologia da terapia cognitivo-comportamental: casamento, amizade ou separação entre as teorias? *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 34, n. 86, p. 63-79, jun. 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94632921006>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- BAUM, William M. *Compreender o Behaviorismo: comportamento, cultura e evolução*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. A Psicologia ou as psicologias. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001. cap. 1, p. 15-30.
- CARVALHO, Bruno Peixoto; MELO, Walter. A apropriação do conceito de paradigma pela psicologia. *Psic.*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 11-31, 2012.
- CARONE, I. Por uma epistemologia historicamente orientada da psicologia. In: JACÓ-VILELA; A. M.; SATO, L. (org.). *Diálogos em psicologia social*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 217-231.
- CASTAÑON, Gustavo Arja. Psicologia como Ciência Moderna: vetos históricos e status atual. *Temas em Psicologia*, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 21-36, jun., 2010.
- CHIESA, Mecca. *Behaviorismo Radical: A filosofia e a ciência*. Brasília: Celeiro, 2006.
- FULGENCIO, Leopoldo. Paradigmas na história da psicanálise. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 97-128, abr., 2007.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- MENDONÇA, André Luis de Oliveira. O legado de Thomas Kuhn após cinquenta anos. *Scientiæ Studia*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 535, nov. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ss/a/shzDStF7nqTnJ5F4XjCNxmx/?lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2022.
- MEZAN, Renato. Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? *Natureza Humana*, São Paulo, v. 2, n. 9, p. 319-358, dez. 2007.
- NEUFELD, Carmem Beatriz; BRUST, Priscila Goergen; STEIN, Lilian Milnitsky. Bases Epistemológicas da Psicologia Cognitiva Experimental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 27, n. 1, p. 103-112, mar. 2011.

NISHIKAWA, Eunice; FIORE, Maria Luiza de Mattos; HARDT JUNIOR, Orlando. Histeria e borderline: mo(vi)mentos da clínica psicanalítica. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 50, n. 93, p. 273-289, 2017.

PAIM, Fernando Free; IBERTIS, Carlota Maria. A hipnose e o método catártico como primeiros caminhos à descoberta da associação livre. *Disc. Scientia*, Santa Maria, v. 7, n. 1, p. 139-152, 2006.

PRUDENTE, Regina Coeli Aguiar Castelo; RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. Psicanálise e Ciência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 58-69, fev. 2005.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. Capítulo I. In: SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. *História da Psicologia Moderna*. 3. ed. [S.l.]: Cengage Learning, 2014. cap. 1, p. 17-32.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Ciência e Comportamento Humano*. Tradução de João Carlos Todorov e Rodolfo Azzi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, E. A.; MELO, W. Os argumentos psicológicos em “A Estrutura Das Revoluções Científicas” de Thomas Kuhn. *Psicologia em Estudo*, v. 23, p. 1-14, 2018.

STERNBERG, Robert J.. Introdução à Psicologia Cognitiva. In: STERNBERG, Robert J.. *Psicologia Cognitiva*. Tradução de Anna Maria Dalle Luche e Roberto Galman. 5. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010. cap. 1, p. 1-27.

TOURINHO, Emmanuel Zagury. Behaviorismo Radical, Representacionismo e Pragmatismo. *Temas em Psicologia*, Belém, v. 2, n. 2, p. 41-56, fev. 1996.

VIEGA, Marla; VANDERBERGHE, Luc. Behaviorismo: reflexões acerca de sua epistemologia: Reflexões acerca de sua epistemologia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, Goiás, v. 3, n. 2, p. 9-18, 2001.

ZILIO, Diego; CARRARA, Kester. *Behaviorismos: reflexões históricas e conceituais*. São Paulo: Paradigma Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento, 2016.

Recebido em: 08/2023
Aprovado em: 10/2023